



ISSN 1988-7833
<https://doi.org/10.51896/ccs>

CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES

latindex IDEAS EconPapers Dialnet MIAR Scopus

UMA ANÁLISE CRÍTICA DA INTERNACIONALIZAÇÃO E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO DA INDÚSTRIA AGROALIMENTAR

Bernardo Cardoso Ribeiro

Graduado em Administração, CEFETMG
<https://orcid.org/0000-0002-6679-0805>
bernardocaribeiro@gmail.com

Gabriel de Menezes Guerra Costa

Graduado em Administração, CEFETMG
<https://orcid.org/0000-0001-6368-8429>
gabrielmquerrac@gmail.com

Jéssica dos Santos Fernandes

Graduada em Administração, CEFETMG
<https://orcid.org/0000-0003-0447-6703>
jessicasantosfernandes@gmail.com

Stephanie Caroline Siqueira Ribeiro

Graduada em Administração, CEFETMG
<https://orcid.org/0000-0003-3380-9327>
stephanie.csr@hotmail.com

Italo Brener de Carvalho

Doutor em Administração, CEFETMG
<https://orcid.org/0000-0002-8466-5215>
italobrener@cefetmg.br

Correspondência: italobrener@cefetmg.br

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Bernardo Cardoso Ribeiro, Gabriel de Menezes Guerra Costa, Jéssica dos Santos Fernandes, Stephanie Caroline Siqueira Ribeiro e Italo Brener de Carvalho: “Uma análise crítica da internacionalização e das relações de trabalho da indústria agroalimentar”, Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (Vol 1, Nº 8 octubre-diciembre 2021, pp. 66-81). En línea:

DOI: <https://doi.org/10.51896/CCS/CKNB9182>

RESUMO

A internacionalização do setor agroindustrial alimentar é uma cadeia complexa e dinâmica. Sendo necessária uma análise crítica das influências macroeconômicas, políticas, legais e sócio-culturais relevantes a respeito das orientações estratégicas globais e o gerenciamento de cadeias multinacionais em um setor fortemente vinculado a países emergentes. Esse ensaio por meio de uma metodologia de análise crítica busca apontar no contexto internacional: (1) o planejamento e entrada em mercados estrangeiros, (2) a internacionalização e organização do setor agroalimentar, em mercados emergentes e finalmente apresentar por meio de (3) uma crítica às relações de trabalho no setor agroalimentar e em sua cadeia global. Como resultados deste trabalho são apresentados os principais players destacados como mercados e como elos fortes na cadeia produtiva Brasil, Rússia,

Índia e China, e as hipóteses que sugerem as lacunas a serem preenchidas por estudos futuros de fatores importantes de investigação como a organização, as estratégias e as relações de trabalho presentes na cadeia global.

Palavras chave: Internacionalização, Mercados Emergentes, Cadeia produtiva de Alimentos, Empresas Transnacionais, *Late Movers*, Ordem Mundial.

UN ANÁLISIS CRÍTICO DE LA INTERNACIONALIZACIÓN Y LAS RELACIONES LABORALES EN LA INDUSTRIA AGROALIMENTARIA

RESUMEN

La internacionalización del sector agroindustrial alimentario es una cadena compleja y dinámica. Es necesario un análisis crítico de las influencias macroeconómicas, políticas, legales y socioculturales relevantes sobre los lineamientos estratégicos globales y la gestión de cadenas multinacionales en un sector fuertemente ligado a países emergentes. Este ensayo, a través de una metodología de análisis crítico, busca señalar en el contexto internacional: (1) la planificación y el ingreso a los mercados externos, (2) la internacionalización y organización del sector agroalimentario, en los mercados emergentes y finalmente presente a través de (3) una crítica a las relaciones laborales en el sector agroalimentario y su cadena global. Como resultado de este trabajo, se presentan los principales actores destacados como mercados y eslabones fuertes en la cadena productiva Brasil, Rusia, India y China, y las hipótesis que sugieren los vacíos a ser llenados por estudios futuros de importantes factores de investigación como la organización, estrategias y relaciones laborales presentes en la cadena global.

Palabras clave: Internacionalización, Mercados Emergentes, Cadena de Producción de Alimentos, Empresas Transnacionales, Tardíos, Orden Mundial.

A CRITICAL ANALYSIS OF INTERNATIONALIZATION AND LABOR RELATIONS IN THE AGRIFOOD INDUSTRY IN ENGLISH

ABSTRACT

The internationalization of the agro-industrial food sector is a complex and dynamic chain. A critical analysis of the relevant macroeconomic, political, legal and sociocultural influences on global strategic guidelines and the management of multinational chains in a sector strongly linked to emerging countries is necessary. This essay, through a methodology of critical analysis, seeks to point out in the international context: (1) planning and entering foreign markets, (2) internationalization and organization of the agri-food sector, in emerging markets and finally present through (3) a critique of labor relations in the agri-food sector and its global chain. As a result of this work, the main outstanding players are presented as markets and strong links in the production chain Brazil, Russia, India and China, and the hypotheses that suggest the gaps to be filled by future studies of important research factors such as organization, strategies and labor relations present in the global chain.

Keywords: Internationalization, Emerging Markets, Food Production Chain, Transnational Corporations, Late Movers, World Order.

INTRODUÇÃO

A globalização de mercados e das economias entre os países é sustentada pela necessidade dos países e ou de regiões de obter produtos de consumo existentes em algumas regiões e não existentes em outras (Fleury & Fleury, 2021). Sejam produtos industrializados ou primários (Mendonça & Carvalho, 2018) ou em alimentos beneficiados pela indústria ou por alimentos de origem animal ou vegetal *in natura* (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018).

Porém esse processo de troca, de comércio, de importação e exportação não aconteceu ao longo da história, de forma equânime, igualitária ou proporcional. Segundo Büttenbender (2019) estudos comparativos e quantitativos organizados em séries históricas demonstram que tanto a participação internacional como o crescimento econômico esperado da participação no comércio internacional possuem características de oscilações, por cíclicos movimentos de protagonismo, de preços e de volumes da participação no comercio internacional global.

Dessa forma ao se retratar o termo “global” ou a Globalização de Mercados Internacionais, uma relação entre variável alcance *da expansão geográfica das atividades econômicas versus o grau de integração funcional das atividades econômicas* se faz importante. Já que à medida que as atividades econômicas se expandem geograficamente aumenta proporcionalmente o grau de integração das atividades econômicas (Cavusgil, 2010). Sendo assim possível derivar dessa relação o significado de globalização, ou seja, economias integradas que sem fronteiras compartilham informações, tecnologias, bens de consumo, pessoas e capital.

De modo geral, a globalização quer significar o fácil acesso a todos os países do mundo e a melhor relação entre eles no que diz respeito a consumo, política e economia (Cavusgil, 2010). Mas a controvérsia apresentada por estudos como os de Mendonça e Carvalho (2018), Büttenbender (2019) e de Fleury e Fleury (2021) confirmam e coadunam os argumentos apresentados por Cavusgil (2010). A globalização é criticada.

Da mesma forma que uni e integra, palavras sempre mencionadas na literatura, ela também segrega e exclui, à medida que trata das desigualdades dos países causadas pela integração, principalmente porque se promove o distanciamento entre países mais e menos desenvolvidos. Por conseguinte, esses possuem mais ou menos facilidade, disponibilidade e capacidade de negociação, comercialização, dentre outros (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018). O que torna relevante este estudo que busca compreender este processo no setor agroalimentar mundial tanto por um olhar da segurança e soberania alimentar como pela convergência e divergências no acesso (Hoyos & D'Agostini, 2017).

Dessa maneira pode-se questionar a globalização, como um fenômeno positivo, mas também como um fenômeno negativo, uma vez que a mesma força propulsora pode ser precursora do aumento das disparidades produtivas, disparidades do poder de compra, formação de *clusters* e concentração tecnológica. Essas mesmas forças desenvolvimentistas provocam disparidades.

Dessa forma este ensaio teórico e crítico têm como objetivo uma revisão teórica que tange os conceitos e implicações da globalização, internacionalização de empresas por um viés positivo e

agregador bem como apontar as relações de trabalho focadas nos mercados emergentes como segregador. Em adição, o trabalho estuda um caso específico desenvolvido na indústria agroalimentar, salientando as características desse setor e os direcionamentos criados para atender as demandas dessa área empresarial.

METODOLOGIA

Baseado em uma pesquisa descritiva exploratória, focada em uma busca bibliográfica necessários para o embasamento e desenvolvimento preliminar e não exaustivo do estudo do mercado global agroalimentar. Segundo definido por Marconi e Lakatos (2017) os parâmetros para a classificação dos tipos de pesquisa dependem do enfoque desejado pelo autor em questão, levando em conta metodologia, situações e objetivos. Dentre os tipos principais tem-se a pesquisa descritiva, em que o material obtido trará uma descrição de um fenômeno já existente, com a análise das características e atributos observados pelo autor a partir do direcionamento do trabalho realizado.

Quanto à forma de abordagem do problema, esta pesquisa pode ser considerada qualitativa, pois, não se vale de métodos e técnicas estatísticas, analisando os dados estudados de modo intuitivo (Soares, Picolli & Casagrande (2018). De acordo com Farias (2021) as pesquisas exploratórias baseia-se no levantamento bibliográfico, como no artigo em questão, com a organização de ideias, que prevê o pensamento crítico, a sugestão de leituras, e a produção de conhecimento que não é exaustivo ou conclusivo uma vez que não há coleta empírica confrontamento de dados ou entrevistas que possam subsidiar conclusões assertivas, mas sim um exercício na proposição de premissas ou hipóteses.

GLOBALIZAÇÃO E TEORIAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Muitas vezes os dois conceitos Globalização e Internacionalização se confundem (Fleury & Fleury, 2021). Analisados por diferentes óticas e autores ao ser retratado como a globalização de mercados, por exemplo, retrata a integração econômica e, conseqüentemente, a interdependência entre países mundialmente conectados por fatores da oferta e da demanda (Dicken, 2010). Esse conceito se difere dos negócios internacionais, uma vez que esses referem-se ao desempenho das atividades de comércio e investimento por empresas, considerando-se que essas atividades vão além das fronteiras dos países (Vieira, Amaral & Carvalho, 2020). Segundo os autores a Internacionalização das empresas em países emergentes diferem-se também exportação e investimento direto estrangeiro.

A exportação é pautada na venda de bens e serviços a clientes localizados em outros países quando se tem uma matriz no país de origem ou por meio de terceiros (operações triangulares). Quando se trata de investimento estrangeiro, a organização se estabelece no exterior fisicamente por meio da compra de ativos produtivos que podem ser tecnologias, informações, mão de obra, entre outros segundo Minervini (2021).

Segundo Dicken (2010), os negócios internacionais são realizados por empresas multinacionais, ou seja que tem recursos substanciais, composta com matriz e suas subsidiárias; pequenas e médias empresas que tem recursos limitados e tem a exportação como sua forma de expansão e empresas

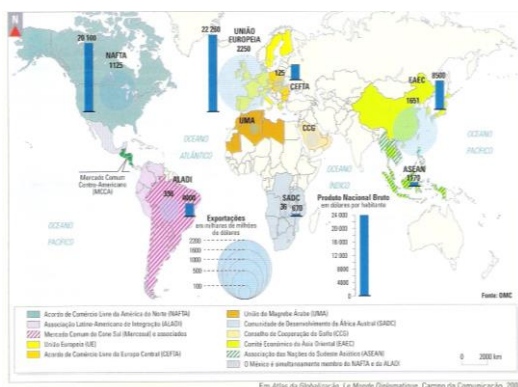
global born que podem ser pequenas e médias empresas cujas atividades internacionais são realizadas já no início do seu ciclo de vida.

Vários estudos organizam as teorias clássicas do comércio internacional. Estudos de Silva e Lourenço (2017) e Costa, Añez, Mol e Damasceno (2017) por exemplo. Os dois estudos apresentam as escolas teóricas do processo de internacionalização e as teorias do Comércio Internacional, organizando a compreensão da Estrutura Produtiva e do Crescimento Econômico.

Por meio de teorias, é possível buscar e tentar explicar este fenômeno. Como exemplos das teorias do comércio internacional têm-se (1) **a Teoria do Paradigma Eclético** (Dunning, 1980) que cita como vantagens específicas a propriedade, localização e internacionalização. A primeira, propriedade, trata a vantagem competitiva com base no que a empresa tem no que se refere a ativos intangíveis. Isto é, o diferencial da empresa que faz com que a mesma ganhe no processo de internacionalização. O segundo ponto, ou seja, localização trata das vantagens referentes ao espaço físico ou região em que a empresa está localizada. Podem ser exemplos disso os custos de mão-de-obra, infraestrutura, impostos, etc. A terceira vantagem citada foi a internalização que se refere à capacidade da organização absorver e internalizar propriedades adquiridas em mercados externos a partir de fluxo do negócio exterior dos blocos econômicos em todo mundo, como demonstra a Figura 03.

Figura 01

Fluxos internacionais e blocos econômicos



Fonte: Achcar (2003).

Uma segunda teoria do comércio internacional (2) **proposta pela Escola Nórdica contribui com o a apresentação do conhecido Modelo Uppsala** sendo o primeiro modelo que abrange as empresas de pequeno porte. Esse modelo afirma que a nacionalização é feita aos poucos e valendo-se de intermediadores. Dessa maneira, conforme proposto, as empresas se aproximam de empresas com afinidades psicológicas tais como idioma, cultura e perfil de consumo.

As duas teorias citadas anteriormente (1) **Paradigma Eclético de Dunning** e (2) **Modelo Uppsala** já são reconhecidas e replicadas em várias pesquisas. Porém algumas outras teorias são citadas pela literatura e ajudam a compreender melhor o fenômeno da globalização e da internacionalização. Uma delas a teoria das distâncias psíquicas e a interação comprador-vendedor tratada relação entre os

envolvidos com base na confiança gerada entre ambos. Essas relações vão ditar a maior ou menor facilidade de internacionalização. A teoria do modelo de inovação que trata do indivíduo dentro da organização que toma a decisão de internacionalização. A interação entre as pessoas que participam do processo tornam o mesmo mais rápido ou mais devagar.

As duas últimas teorias aplicadas tanto em empresas de grande quanto de pequeno porte tem sido válidas de modo geral, uma vez que as relações entre as organizações tem sido cada vez mais voltadas para o indivíduo e pelas variáveis comportamentais. Mas mesmo assim não promovem a explicação e a compreensão da internacionalização e globalização.

MERCADOS EMERGENTES COM ENFOQUE NA CHINA

Outro momento de análise seria a ideia dos investimentos estrangeiros em países emergentes é debatida de forma evolutiva e traz o foco para perspectiva da China (Spellmann & Leite, 2020). Mesmo com as dificuldades, críticas e avaliações do que tangencia o processo de internacionalização no desenvolvimento da economia chinesa e suas vantagens de propriedade das empresas estrangeiras.

O investimento direto estrangeiro (IDE) tomou o primeiro corpo conceitual no ano de 1958, com a publicação do livro pioneiro *American investment in british manufacturing industry*, de John Dunning. Dunning (1980) entende que determinadas falhas de mercado – a existência de custos de informação e transação, oportunismo dos agentes e especificidades de ativos – levariam uma empresa a optar pelo investimento direto em vez de licenciamentos a outras empresas, ou exportação direta como modo de entrada em um mercado externo. Subsequentemente, a ideia sobre o investimento direto passou a ser estudada in loco sobre o território Chinês, porém sempre tratando com as ressalvas dos receios sobre os impactos do fenômeno de internacionalização.

Após a entrada das empresas estrangeiras na economia chinesa, do aporte de conhecimento, da concentração de empresas da cadeia mundial, e da questão de indicadores de desempenho cada vez mais positivos a projeção de crescimento para anos seguintes variavam entre 5% e 8% margem de crescimento consideráveis comparadas internacionalmente (Spellmann & Leite, 2020).

As empresas estatais chinesas, tiveram super oferta de empregos, altas dívidas e encargos sociais, outro ponto que resultou em uma piora do cenário foi a grande dificuldade de se adaptar, visto que as multinacionais possuem grande vantagem competitiva, por consequência roubando mercados que as estatais já estariam bem consolidadas segundo os tomadores de decisão, economistas e acadêmicos. Porém outros especialistas enxergam a entrada das empresas estrangeiras como um efeito positivo para economia.

Segundo Martins, Oliveira, Gomes, Pascoal e Carvalho (2020) o efeito dessas empresas estrangeiras criaram um ambiente de negócios novo e mais sofisticados para a China, não somente empregando recursos financeiros e tecnológicos, como também o emprego de um novo jeito de fazer negócios.

Isso também gerou um efeito positivo para o planejamento da economia, tornando o ambiente mais competitivo resultando em uma mudança na estrutura organizacional das empresas estatais.

Segundo Guimarães (2018) a promulgação da “Lei de Joint Venture Sino-Estrangeira”, permitindo a China receber um grande volume de investimentos, os fluxos de IDEs chegaram a 233,9 bilhões de dólares. Tendo como principais fatores que contribuíram para o aumento da sua participação a liberação do regime do regime chinês quanto ao investimento externo e um crescimento explosivo da economia, com isso a economia chinesa teve um aumento da sua produtividade e conseqüentemente um aumento da arrecadação do governo de patamares em torno de 3% para 16%, com isso a China conseguiu melhorar sua situação econômica em meio a crise mesmo dependendo cada vez mais do cenário internacional (Spellmann & Leite, 2020).

Atualmente, em meados de 2019, foi aprovada pela Segunda Sessão do 13º National People’s Congress a Lei sobre Investimentos Estrangeiros na República Popular da China (FIL). A mudança feita em comparação à legislação anterior foi principalmente para substituir a necessidade legal do envolvimento de um investimento estrangeiro com um capital nacional Chinês. O objetivo dessa nova regulamentação foi para permitir que atividades incentivadas na China e práticas que não se encontram elencadas na *Negative List* tenham a possibilidade e maior flexibilidade para a entrada na economia local e permite nessas condições total controle estrangeiro sobre a companhia.

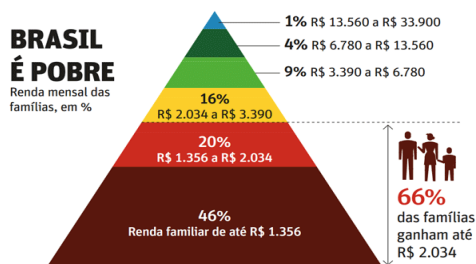
Outro ponto relevante para se levantar em processos de negociações internacionais, são os investimentos e o processo implícito de globalização, são as relações de trabalho desenvolvidas nesses mercados considerados emergentes e suas implicações tanto para os trabalhadores quanto para as empresas. Dessa maneira, o próximo tópico explora especificamente as relações de trabalho, trazendo um enfoque para o mercado brasileiro, que também é desenhado mundialmente como um país emergente.

RELAÇÕES DE TRABALHO E INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

Conforme descrito neste estudo o viés negativo da globalização também é relevante. O crescimento interno está restringido pela desigualdade na distribuição de renda e social do Brasil, sendo uma característica marcante (Pereira & Ramos, 2020). Ao usarmos dados brasileiros pode ser visto pela figura abaixo, na qual pode-se perceber a grande parcela da população tendo uma renda familiar de R\$2.034,00, enquanto 1% da população possui renda familiar acima de 6 vezes esse valor.

Figura 02

Faixa salarial do Brasil



Fonte: Datafolha (2013)

O caminho da exportação é uma forma de alavancar o crescimento sem precisar solucionar os problemas nas relações de poder e diferenças nas classes sociais. A internacionalização nos países emergentes possui papel direto nos aspectos relacionados aos trabalhadores, sindicatos, empresa e estado (Nogueira, 2017). O trabalhador recebe salários pequenos apesar de custar muito para a empresa. Entretanto, comparado a média salarial dos diversos setores econômicos, o Brasil apresenta baixos custos de mão de obra para o comércio internacional, e os padrões de relações de trabalho são considerados melhores que mercado interno e da economia internacional.

As empresas internacionalizadas são geradoras diretas de renda e emprego formal em padrões mais favoráveis aos trabalhadores e ainda respeitam a legislação trabalhista e sindical. Entretanto, o mesmo não acontece com os fornecedores que abastecem a cadeia produtiva dessas empresas.

Como exemplo a Nike, em suas operações produtivas terceirizadas na Indonésia com denúncias de adoção do trabalho infantil (Nogueira, 2017). Outro exemplo mais recente ligado a escândalos com relações de trabalho é a empresa Zara, nos anos de 2011, 2014, 2015, 2017, com casos de escravidão (Navarro, 2017). Apple, HP e Dell são empresas de produtos eletrônicos e tem seus aparelhos montados em uma fábrica chamada Foxconn. Na china, esta empresa mantém seus funcionários em condições de risco, como exposição à produtos químicos, e são obrigados a assinar um termo de "não-suicídio" no contrato de trabalho de alguma forma concordando com o abuso.

A Renner, uma grande varejista de roupas com lojas por todo Brasil, foi responsabilizada por manter 37 costureiros bolivianos sob condição de trabalho escravo em São Paulo no ano de 2014 (Navarro, 2017). Assim como dois centros de distribuição de produtos da Coca-Cola em Minas Gerais identificou 179 caminhoneiros e ajudantes trabalhando por jornadas exaustivas, chegando a fazer média 80 horas extras semanais. Além disso foi acusada em investigação do The Independent de utilizar trabalho escravo em uma plantação de laranjas na Calábria, Itália com imigrantes africanos (Navarro, 2017).

Os impactos sociais negativos no processo de deslocamento global são relevados pelo processo de globalização das empresas brasileiras. Como exemplo a Petrobrás na Bolívia, da CSN em Portugal e Gerdau nos EUA (Nogueira, 2017). Outros exemplo mais atuais são Odebrecht no Peru, InterCement em Portugal (Barbosa, 2016).

A empresa dona das marcas como Sadia, Perdigão, Batavo e Elegê, a Brasil Foods (BRF), foi condenada a pagar 1 milhão de indenização por manter trabalhadores em condição análoga a escravidão em Iporã, interior do Paraná (Navarro, 2017).

Na perspectiva europeia, a redução para a categoria de mercadoria implica em perdas dos direitos trabalhistas, do poder de barganha, desregulação do mercado e enfraquecimento do sindicato. Entretanto na perspectiva brasileira a internacionalização não reflete a crise do Estado do bem-estar social, uma vez que o Brasil apesar da legislação protetora possui um mercado interno de relações de trabalho de mal-estar social (Nogueira, 2017).

A Mercedes é considerada um caso exemplar ao estabelecer uma política de recursos humanos favorável à descentralização das negociações das relações de trabalho, ocasionadas pela presença da comissão de fábrica articulada pelo sindicato dos metalúrgicos do ABC (Nogueira, 2017).

Outro exemplo como o setor de call centers tem atraído investimentos de grandes empresas globais. Entretanto, pesquisas sociais mostram a degradação do trabalho devido a métodos tayloristas de gestão adotados (Nogueira, 2017). A internacionalização reafirma uma política concentradora e centralizadora do capital e da renda que é positiva para o mercado, mas não contribui para reduzir a dívida social e desigualdade brasileira.

Contudo, infere-se que os processos de internacionalização não favorecem as relações de trabalho, pelo contrário, são transformadas para relações de mercado. Entretanto, no Brasil nota-se que a internacionalização não influi negativamente, uma vez, que o nível das condições de trabalho no setor interno brasileiro é considerado inadequado.

A partir do entendimento das relações de trabalho e suas implicações, as organizações mundiais também passam por um processo de criação de estratégia para sua estruturação global, assim os dois tópicos posteriores exploram esse assunto e suas implicações.

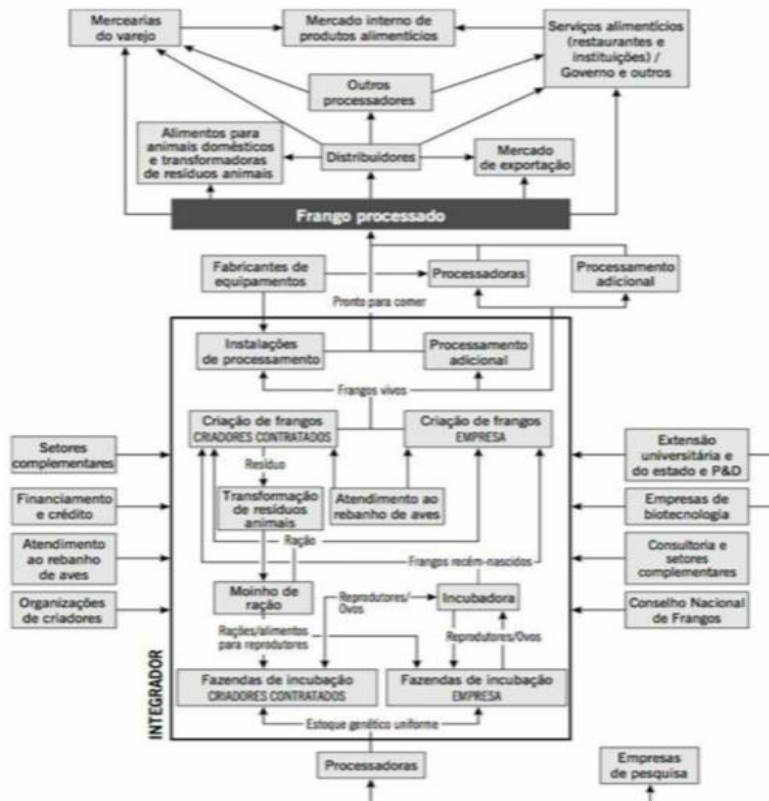
A TRANSFORMAÇÃO DA ECONOMIA DOS ALIMENTOS: O LOCAL SE TORNA GLOBAL

Considerando a transformação na economia dos alimentos obteve-se uma transformação no mercado de produção alimentar nas últimas quatro décadas (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018). Dessa maneira apesar da escassez e subsistência, o alimento se tornou afirmação de estilo de vida, criando um dilema entre famintos x consumidores de alimentos com grife (veganos, alimentos orgânicos, percorrem o globo em sofisticados esquemas de refrigeração).

Houve também uma alteração na produção e distribuição de forma radical, direcionando para demanda global e internacionalização, com a atuação de agentes transformadores: grandes conglomerados empresariais (Jorge, Troian & Carvalho, 2021). Além disso, ocorreu um crescente deslocamento de commodities tradicionais por parte dos ditos alimentos de alto valor (vegetais, frutas, aves, crustáceos, carnes).

Diferentemente dos outros setores, o alimentar tem uma ligação direta aos processos biofísicos (terra, tempo biológico, água), gerando dificuldade no ajustamento rápido de investimentos. Essa característica torna a produção intensamente local, ligada a solo, condições climáticas e até socioculturais (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018). Por outro lado, a distribuição e consumo se apresentam como globais, principalmente de alimentos de alto valor.

Figura 03 –
Cadeia de produção de aves no EUA,



Fonte: Dicken (2010).

Com essa estrutura global, grandes produtores transnacionais e grandes varejistas absorvem muito poder, gerando impactos ruins para a sociedade e ambiente como um todo com a utilização de fertilizantes químicos e agrotóxicos, devastação e exploração do meio ambiente e transgênicos. Outro ponto relevante são os sustos que afetam a segurança dos alimentos: vaca louca, febre aftosa, gripe aviária, etc. Isso torna o setor altamente sensível, tanto na produção quanto no consumo.

Circuitos de produção são muito diversificados no setor alimentar, e considerando os alimentos de alto valor apresentam circuitos complexos (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018). Como sugestão de visualização das cadeias produtivas alimentares internacionais Dicken (2010) cita **A Cadeia de produção de aves nos EUA**. Com características como (1) Dominado por grandes produtores integrados; (2) Facilidade para o produtor em relação ao controle no processo de criação de aves; (3) Não é possível acelerar a linha de produção; (4) Porém proporciona um grande controle de estoque e logístico, de qualidade e segurança. Outra exemplo citado pelo autor é **A do Circuito de produção**

de vegetais frescos, com as seguintes características: (1) Foco em funções de distribuição e comercialização; (2) Orientados pelas grandes cadeias de supermercados e não pelos produtores da colheita.

O mesmo autor expõe um modelo gráfico do **Comércio justo e café comercial**, uma cadeia alternativa com foco no território. Os princípios que devem reger uma relação comercial considerada justa são: (1) Responsabilidade e enfoque na transparência da gestão da cadeia produtiva e comercial; (2) Treinamento e suporte aos produtores, com enfoque ao relacionamento de longo prazo, com fácil acesso às informações; (3) Pagamento de um preço justo pela produção adquirida, além de uma bonificação aos produtores de forma justa e que beneficie a comunidade que eles participam; (4) Formação democrática de cooperativas ou associações entre os produtores; (5) Seguimento e respeito a legislação, tanto nacional quanto internacional; (6) Ambiente de desenvolvimento do trabalho saudável e sem a presença de mão de obra infantil; (7) Respeito aos aspectos do meio ambiente.

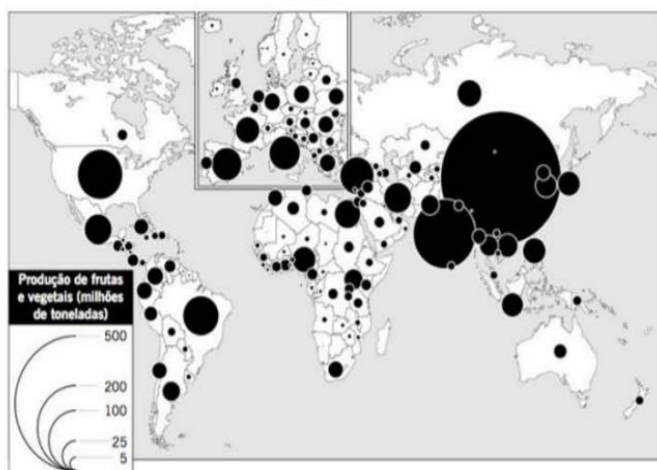
O crescimento da população motivou o desenvolvimento de novos mecanismos de produção tornando diversos segmentos agroalimentares em escalas produtivas similares às industriais. A partir dos novos comportamentos de consumo houveram diversas mudanças no mix de exportação agrícolas focada nesse estudo principalmente nos produtos: frango, frutas e vegetais frescos, e café (Moura, Silva, Avelar, & Carvalho, 2018).

O fluxo produtivo dos frangos tornou-se algo extremamente complexo e integrado e sofreu uma grande mudança estrutural na participação do fornecimento global dos principais produtores, gerando destaque nesse setor para o Brasil e diminuindo a participação do EUA conforme demonstram as figuras 04 e 05.

Além disso, a mudança do padrão de consumo global gerou impacto no comércio do setor de frutas e vegetais frescos, aumentando sua participação em 5% das exportações agrícolas mundiais.

Figura 04 –

Produção global de frutas e vegetais



Fonte: FAO Statistical Yearbook (2004).

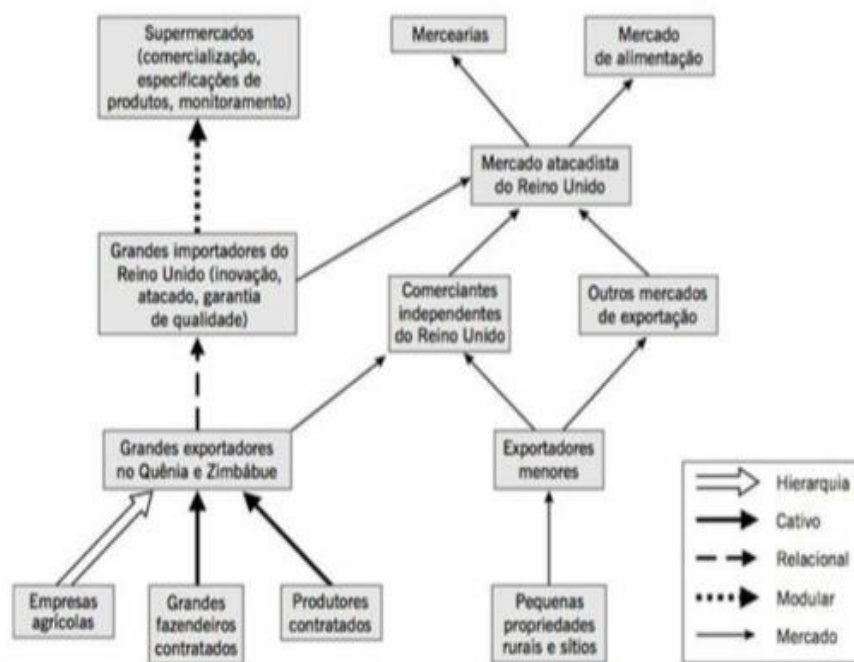
Outro ponto desse setor é a geografia do comércio global que nos passares dos anos concentrou a produção de frutas e vegetais na faixa meridional do globo demonstrado na figura 04 devido às condições climáticas provida nessas regiões que favorecem o cultivo na maior parte do ano, gerando assim um suporte na oferta mundial desses produtos em tempos de sazonalidade.

Com base nisso, devido ao ciclo de vida desses produtos, o desenvolvimento produtivo dessas regiões gerou novas demandas de logística, representada na figura 07 a fim de suportar toda cadeia de suprimento de forma extremamente responsiva.

Quando se trata do café, as mesmas vantagens de clima do hemisfério sul refletem na produção deste item e por consequência resultam em imensos fluxos de comércio de longas distâncias para prover as necessidades demandadas nos países do hemisfério norte.

Figura 05 –

Circuito de produção de vegetais frescos



Fonte: Adaptado de Dolan e Humphrey (2012).

A partir dessa perspectiva geral, é notório o desenvolvimento de grandes centros produtivos agroalimentares altamente especializados. Essas novas regiões agrárias são catalisadas pelas condições biológicas altamente favoráveis junto ao fenômeno de industrialização das fazendas, que remete ao investimento de forma industrial de grandes empresas na produção agroalimentar e também em redes de distribuição e comercialização amplas.

Por fim, existe ainda a mudança da perspectiva do consumo da sociedade, que deixou de interpretar a alimentação como necessidade de sobrevivência e passou a interpretar como uma forma de estilo de vida. Essa perspectiva influenciou uma mudança drástica na demanda a partir dos padrões variáveis do consumo com desejo por maiores variedades de alimentos (Moura, Silva, Avelar, &

Carvalho, 2018). Em contrapartida, essa mudança também gera uma resistência cada vez maior nos produtos industrializados e geneticamente modificados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se concentra em compreender e favorecer a compreensão por meio de um ensaio que o processo de globalização não é necessariamente um movimento que traz consigo apenas um conceito positivista de que é um fenômeno inexorável e acessível a todos. Ao contrário disso, os se evitar a associação entre globalização dos países e de como a internacionalização das empresas, é possível perceber que esse processo não aconteceu homoganeamente.

Dentro desse contexto foi necessário buscar a apresentação de conceitos inerentes aos negócios internacionais como as teorias clássicas do comércio internacional, o diferente contexto entre primeiros entrantes e entrantes atrasados, o que difere em fatores a capacidade entre os *late movers* que foram empresas que se inseriram no cenário internacional tardiamente. É importante destacar, que de modo geral, essas empresas são pertencentes de países emergentes que sofreram os prejuízos do processo desigual de globalização.

O reconhecimento de mercados emergentes, o surgimento do termo BRIC é o grupo comercial comentado como referência desse tema, visto que inclui Brasil, Rússia, Índia e China que possuem uma variedade de produtos e serviços a serem oferecidos, dimensão geográfica, densidade demográfica de seus países, tecnologia. No entanto, nota-se que na realidade os objetivos traçados para esses países não lograram o êxito esperado, tendo em vista a evolução econômica desses países.

Segundo Büttgenbender (2019) as oportunidades no mercado global auxiliam as empresas a melhorar sua performance além do que poderiam alcançar no mercado doméstico. As empresas percebem oportunidades de vender, instalar fábricas, obter insumo de custo inferior ou qualidade superior e fazer acordos colaborativos com parceiros no exterior que deem sustentação às metas da empresa focal.

Este estudo finaliza destacando que as relações de trabalho se demonstraram como grande fator de definição e aspecto a ser considerado para a internacionalização, aplicando casos específicos no Brasil e China, com as condições encontradas pelas empresas e enfrentadas pelo trabalhador. Além disso, atributos de investimentos e subsídios criados em nações como a China foram abordados e explorados, buscando o melhor entendimento desse tipo de fenômeno.

A indústria agroalimentar foi o foco do estudo de caso prático desenvolvido pelo trabalho, aprofundando nos conceitos e conteúdos absorvidos e estudados durante a pesquisa. Em adição, foi possível demonstrar dados atuais e compará-los com os desenvolvidos por autores em tempos anteriores, criando um base de entendimento mais atual.

Assim este artigo atinge seu objetivo e oferece ao leitor premissas de avaliação das oportunidades no mercado global de forma crítica, e não exaustiva, ou seja, não são as únicas. Contribuindo assim para estudos futuros que levem em consideração as seguintes hipóteses:

Quadro 01

Resumo das hipóteses elencadas.

Hipótese 01- O preparo organizacional, a qualificação para a internacionalização: propicia uma avaliação objetiva de uma empresa ao engajar-se no comércio exterior;
Hipótese 02 – Produtos como as <i>commodities</i> alimentares não demandam avaliação e adequação da empresa para os mercados externo em produtos e serviços para os clientes internacionais;
Hipótese 03 – Da mesma forma que produtos industrializados, as <i>commodities</i> alimentares se classificam, se identificam com mercados-alvos, daí reduzir o número de países que merecem uma investigação mais profunda como mercado-alvo;
Hipótese 04 - Avaliar o potencial de mercado setorial: tem como objetivo estimar a participação mais provável em vendas setoriais dentro de cada país;
Hipótese 05 - Selecionar parceiros de negócios qualificados: tem como objetivo determinar o tipo de parceiro de negócios estrangeiros;
Hipótese 06 - Estimar o potencial de vendas da empresa: objetiva estimar a participação de vendas setoriais que a empresa pode atingir, por um período de tempo;
Hipótese 07 – É possível utilizar-se das teorias clássicas do comércio internacional, ainda na atualidade, em específico com o setor agroalimentar.

Fonte: Autores (2021).

Dessa maneira, o artigo foi embasado e construído de maneira teórica, aprofundando nos temas de internacionalização, globalização, relações de trabalho, exemplificações e aplicações em países emergentes. Além disso, foi possível desenvolver um estudo direcionado para o setor agroalimentar, demonstrando características específicas desse tipo de mercado e aplicando conteúdos desenvolvidos nos temas anteriores nessa área internacional.

Há limitações quanto o desenvolvimento deste estudo. A primeira delas quanto a atualização do referencial teórico, uma vez que há um lapso temporal quanto a dados confiáveis e de fontes científicas publicadas, há sim relatórios setoriais mas muitas vezes induzem e privilegiam os setores ou países estudados. Há uma restrição quanto ao contexto pandêmico vivenciado mundialmente que além de dificultar a busca por informações e desenvolvimento do projeto ainda podem em um curto espaço de tempo reduzirem as observações realizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achcar, G.(2003). *El Atlas de Le Monde Diplomatique*. Buenos Aires: Espacio.
- Barbosa, C. V. (2016). *Qualidade de vida no trabalho*. Revista de Pesquisa e Estudos Acadêmicos, Andradina, v.4, n.1, p. 27-37.
- Büttenbender, E. O. (2019). O crescimento econômico esperado da participação no comércio internacional e o movimento cíclico dos preços.
- Cavusgil, S.T; Knight, G & Riesenberger, J.R. (2010). *Negócios internacionais: estratégia, gestão e novas realidades*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Costa, L. D. F. L. G. D., Añez, M. E. M., Mol, A. L. R., & Damasceno, T. D. S. A. (2017). Escolas teóricas do processo de internacionalização: uma visão epistemológica. *Cadernos Ebape. br*, 15, 960-973.
- da Silva Jorge, A. L., Troian, M. H. M., & de Carvalho, Í. B. (2021). A Internacionalização de Empresas Brasileiras: Uma reflexão crítica dos Riscos Interculturais aa Transferência de Conhecimento. *Revista de Casos e Consultoria*, 12(1), e25711-e25711.
- da Silva, J. A., & de Lourenço, A. L. C. (2017). Teorias do Comércio Internacional, Estrutura Produtiva e Crescimento Econômico. *Revista Economia Ensaios*, 32(1).
- Datafolha, (2013). *Faixa Salarial no Brasil*. Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública, dossiês. São Paulo, Fev.
- Dicken, P.(2010). *Mudança Global: mapeando as fronteiras da economia mundial*. 5ª edição. São Paulo: Bookman.
- Dos Santos Martins, L. C., de Oliveira, P. A. B., Gomes, T. A., Pascoal, N. C. D. C. B., & de Carvalho, Í. B. (2020). A indústria do vestuário no contexto dos negócios internacionais. *Revista de Casos e Consultoria*, 11(1), e1113-e1113.
- Dunning, J. (1980). *Toward an eclectic theory of international production: some empirical tests*. Journal of International Business Studies, Basingstoke, v. 11, n. 1, p. 9-31.
- Fao Statistical Yearbook (2004). Tabela B8. Disponível em <http://www.fao.org/food-agriculture-statistics/en/>
- Fleury, A., & Fleury, M. T. L. (2021). *Multinacionais brasileiras: competências para a internacionalização*. Editora FGV.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas.
- Guimarães, B. C. P. (2018). *A regulação do investimento estrangeiro direto e suas implicações para o caso brasileiro* (Doctoral dissertation).
- Hoyos, C. J. C., & D'Agostini, A. (2017). Segurança Alimentar E Soberania Alimentar: Convergências E Divergências/Food Security and Food Sovereignty: convergences and divergences. *Revista Nera*, (35), 174-198.
- Instituto De Economia Agrícola – IEA (2001). *Procedimentos para certificação sanitária de exportações*.
- International Monetary Fund(2014). *World Economic and Financial Surveys: World Economic Outlook*. Disponível em: <<https://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2014/02/>

- Lakatos, E. & Marconi, M.A. (2017). *Fundamentos de Metodologia da Pesquisa*. 6.^a edição. São Paulo: Saraiva.
- Mendonça, T. G., & de Carvalho, D. E. (2018). Efeitos Das Tarifas, Medidas SPS E TBT E O Relacionamento Com Os Brics Sobre As Exportações Brasileiras. *Revista de Economia e Agronegócio*, 16(1), 67-91.
- Minervini, N. (2008). *O exportador: ferramentas para atuar com sucesso no mercado internacional*. 5.ed. São Paulo: Parson Prentice Hall.
- Minervini, N. (2021). *O exportador*. Digitaliza Conteúdo.
- Moura, A. S., Silva, A. C. M., Avelar, A. A., & de Carvalho, I. B. (2018). A economia industrial agroalimentar global. *Diálogos Interdisciplinares*, 7(3), 352-362.
- Navarro, V. L. & LOURENÇO, E. (2017). *O avesso do trabalho IV: Terceirização, precarização e adoecimento no mundo do trabalho*. Outras expressões: São Paulo.
- Nogueira, A. J. F. M. (2017). *Relações de trabalho e gestão pública no Brasil contemporâneo*. Revista do Departamento de Direito do Trabalho e da Seguridade Social, São Paulo, v. 2, n. ja/ju 2017, p. 11-51.
- Pereira, C. C. P., & Ramos, T. C. (2020) A precarização do trabalho e o adoecimento mental dos trabalhadores: existe essa relação no contexto capitalista neoliberal. *Conhecimento e Multidisciplinaridade vol. 2*, 514.
- Prates, D. M., & Baltar, C. T. (2020). Review of the World Economic Outlook. *Économie et institutions*, (28).
- Soares, S. V., Picolli, I. R. A., & Casagrande, J. L. (2018). Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. *Administração: ensino e pesquisa*, 19(2), 308-339.
- Spellmann, S., & Cunha Leite, A. C. (2020). A redução do investimento chinês na Nova Rota da Seda: entre a contenção de gastos e a preparação para uma crise financeira internacional. *Desafíos*, 32(1), 296-327.
- Vieira, D. G., Amaral, R. S., & Carvalho, I. B. (2020). Internacionalização das empresas em países emergentes eo investimento em centro de pesquisa. *Research, Society and Development*, 9(6), 66.
- Xu, G. (2007). *The Effect of Foreign Direct Investment on Domestic Capital Formation, Trade, and Economic Growth in a Transition Economy: Evidence from China*. Vol.7, No 2. Michigan: Global Economy Journal.